

Poemas

Edgar Allan Poe

SONETO À CIÊNCIA

Ciência! Do velho Tempo és filha predileta!
Tudo alteras, com o olhar que tudo inquire e invade!
Por que rasgas assim o coração do poeta,
abutre, que asas tens de triste Realidade?

Poderia êle amar-te, achar sabedoria
em ti, se ousas cortar seu vôo errante e ao léu
quando tenta extrair os tesouros do céu,
mesmo que a asa se eleve indômita e bravia?

Não furtaste a Diana o carro? E não forçaste
a Hamadríade do bosque a procurar, fugindo,
estrêla mais feliz, que para sempre a esconda?

Não arrancaste à Ninfa as carícias da onda,
e ao Elfo a verde relva? E a mim, não me roubaste
o sonho de verão ao pé do tamarindo?

TAMERLÃO

Doce consolação nesta hora extrema!
Tal, Padre, agora não será meu tema...
Não direi loucamente que um poder
terreno me liberte do pecado
sôbre-humano de orgulho, em mim a arder.
O tempo de sonhar é já passado:
Dizes que isso é esperança; e a desvairada
chama é só a agonia de um anseio!
Se creio na Esperança... Ó Deus! Bem creio...
Sua fonte é mais divina, mais sagrada...
Ancião louco eu não quero te chamar,
mas isso é coisa que não podes dar.

Conheces de um espírito o segrêdo,
da soberba atirado em plena lama?
Herdei, ó coração a palpitar,
teu quinhão de desprêzo, com a fama,
a glória consumida, a cintilar
de meu trono entre as jóias, qual coroa
infernai. Porque dor alguma o inferno
pode agora trazer, que me dê mêdo.

E anseias pelas flores, coração,
e pelo sol das horas de verão!
Dêsse tempo defunto o canto eterno,
com seu soluço intérmino, reboa,
em teu vazio, nos sons enfeitiçados
de um dobre doloroso de finados.

Do que hoje sou, já fui bem diferente.
Usurpador, obtive, conquistei
o diadema que cinge a fronte ardente.
Roma e César não deu a mesma ousada
herança, que me estava reservada?
A herança de um espírito de rei,
para lutar, espírito altaneiro,
triunfalmente, contra o mundo inteiro.

Em região montanhosa ao mundo vim.
As brumas de Taglay pulverizavam,
à noite, o seu orvalho sôbre mim,
e acredito que as asas, em violentos
tumultos, e as tormentas, e os mil ventos,
em meus próprios cabelos se aninhavam.

Êsse orvalho, depos, do céu tombando
(entre noites de sonhos condenados)
era um toque de inferno sôbre mim,
enquanto rubras luzes, cintilando
em nuvens, que oscilavam quais pendões,
pareciam-me, aos olhos malcerrados,
do poder régio as predestinações,
e dos trovões profundos o clarim
sôbre mim se atirava, proclamando
que, em humanas batalhas, estentórea
– criança louca! – a minha voz bradava
(como minha ala se regozijava
e ante êsse grito o coração saltava!)
o grito de combate da Vitória!

Na frente sem abrigo se esparzia
a chuva rude, e o vento me tornava
desatinado, cego, ensurdecido.
Era apenas um ente que lançava
louros em mim, pensava então, e a fria
fúria do ar fustigante, a meus ouvidos

cantava a evocação de destroçados
impérios, o clamor dos capturados,
o rumor dos cortejos, a canção
com que aos tronos rodeia a adulação.

Minhas paixões, desde êsse infausto dia,
sôbre mim exerceram tirania
tamanho, que, somente com o poder,
se pôde o meu caráter conhecer.
Mas, Padre, então, ali vivia alguém...
então... na juventude... quando a chama
das paixões mais se alteia e mais se inflama
(porque paixões só a juventude tem),
alguém que soube ver, no peito de aço,
de uma fraqueza feminil o traço.

Não tenho têrmos... ai... para dizer
o quanto é doce o verdadeiro amor!
Nem tentarei agora descrever
dessa face lindíssima o primor,
pois seus contornos são, na minha mente,
sombas que ao vento vão, volúvelmente.

Recordo ter-me outrora debruçado
sôbre folhas de ciência do Passado,
até que cada letra, tão fitada,
e cada têrmo se desvanecesse
e seu próprio sentido se perdesse
em fantasias e, por fim, em nada.

Ah! todo o amor bem elas merecia
e era o meu afeto qual de criança.
Razão tinham os anjos de a invejar.
Seu jovem coração era um altar
em que meus pensamentos e a esperança
eram o incenso, a oferta que subia
com pureza infantil, imaculada,
de seu jovem modelo copiada.
Por que os abandonei, pela paixão
da luz, que inflama e empolga o coração?

Crescemos... e conosco o amor crescia...
vagueando na floresta e nos desertos.
Na tormenta meu peito a protegia
e quando, amiga, a luz do sol sorria.

E se ela contemplava os céus abertos,
sòmente em seu olhar os céus eu via.

A primeira lição do amor nascente
está no coração, pois, sob o ardente
sol, vendo êsses sorrisos sem cuidados,
rindo de seus brinquedos estouvados,
eu me lançava no seu seio arfante
e em lágrimas minha alma se expandia.

Ah! dizer mais eu não precisaria,
nem acalmar temores vãos, perante
quem ficava, sem nada perguntar,
voltando para mim o quieto olhar.

E embora merecesse mais que o amor,
a minha alma impaciente se exaltava
quando, num cume de montanha, a sós,
a ambição lhe falava em nova voz.

Todo o meu ser só nela consistia;
o mundo e tudo quanto êle encerrava,
na terra, no ar, nos mares, a alegria,
os quinhões pequeníssimos de dor,

que eram nôvo prazer, os ideais,
noturnos sonhos de vaidade impura,
e as coisas mais sombrias, porque reais
(as sombras... e uma luz bem mais obscura!)
nas asas do nevoeiro se evolavam
e assim confusamente se tornavam
numa imagem, num nome... um nome... duas
coisas, unificadas, porque tuas.

Eu era ambicioso. Já tiveste
paixões, Padre? Não! Não as conheceste!
Um trono para mim, filho do lôdo,
que o mundo dominasse quase todo,
sonhei, a maldizer a minha sorte.
Mas, como todo sonho, também êste,
sob o vapor do orvalho, voaria,
não viesse da beleza o brilho forte
que o cumulava, ainda que, se tanto,
por um minuto, por uma hora, um dia
pesar-me na alma com dobrado encanto.

E passeávamos juntos, pela crista

de elevada montanha, donde a vista
caía, dos penhascos escarpados
e altivos, das florestas, nos outeiros
esparcos, de bosquetes coroados,
rumorejando com seus mil ribeiros.

Falava de poder e de vaidade,
porém místicamente, que a verdade
a ela eu não queria revelar
no que dizia; e então, em seu olhar,
talvez eu lesse, descuidadamente,
um sentimento, do meu próprio irmão.

O brilho de suas faces parecia,
para mim, transformar-se em refulgente
trono; e eu consentir não poderia
que elas brilhassem só na solidão.

De grandezas então eu me envolvia
tomando uma fantástica coroa;
e não era, contudo, a Fantasia
que seu manto viera em mim lançar.
E se entre a humanidade, a turba alvar,
é o leão da ambição, que se agrilhoa,

entregue à mão de um domador que o mande,
não é assim no deserto; lá, o que é grande
conspira com o terrível e o sem-par
para as almas com o sôpro incendiar.

Contempla Samarkand! Contempla-a agora!

Não é rainha da terra e se alcandora
sôbre as cidades tôdas? Não lhes traz
os destinos na mão? E não desfaz,
solitária e fidalga, tudo quanto
de glória e fama neste mundo medra?

Se cair, sua mais humilde pedra
há de formar de um trono o pedestal.

Quem é seu soberano? Tamerlão.

Êsse que os povos viram, com espanto,
subir, calcando aos pés cada nação,
um bandido com a coroa real!

Ó amor humano! Tu, que dás, no mundo,
o que esperamos vir do céu profundo;
que cais na alma, qual chuva abençoada
sôbre a planície adusta e calcinada;

e, não podendo dar ventura, fazes
do coração deserto sem oásis;
tu, idéia que tôda a vida encerra
em música de sons tão singulares
e belos, que na selva têm seus lares,
adeus! adeus! pois conquistei a Terra!

Quando a Esperança, essa águia da amplidão,
os altos cimos já não mais avista,
suas asas se curvam, de mansinho,
e o olhar se volta, doce, para o ninho.
Era o sol-pôr; e quando o sol declina
um desespero sobe ao coração
de quem ainda quisera ter à vista
o esplendor estival da luz solar.
A alma aspira a bruma vespertina,
tão cariciosa, atenta a perceber
o som da treva (ouvido sempre pelos
que sabem dar-lhe ouvido) a se arrastar,
como quem quer, em meio a pesadelos,
fugir de algum perigo, sem poder.

Que importa brilhe a lua, a lua fria
com seu fulgor mais lúcido e mais forte?
Seu sorriso e seu brilho são gelados,
naquelas horas de melancolia,
como um retrato feito após a morte
(vendo-o, nem respiramos, assustados).
E a juventude é como um sol de estio,
cujo poente é o mais triste, porque então
já nada mais ignora o coração
e o que guardar quisemos no fugiu.
Pareça a vida, pois, qual flor de um dia,
com a beleza que, esplêndida, irradia.

Voltei para o meu lar, não mais meu lar,
pois tudo o que fazia assim se fora.
Penetrei no musgoso umbral e embora
fôsse meu passo lento e comedido
veio uma voz da pedra do limiar,
a voz de alguém que u conhecera outrora.
Oh! desafio o inferno a que apresente,
nos seus leitos de fogo, mais ferido
coração, ou desgraça mais pungente!

Eu creio, Padre, eu firmemente creio,
e bem sei – pois a morte, que me veio
da longínqua região abençoada
onde não mais existem ilusões,
vai entreabrindo os rígidos portões
e cintilam os raios da verdade,
que não vês, através da Eternidade...
Sim, eu creio que Eblis pôsto havia
sua armadilha, sob a humana estrada.
E se não, por que, quando eu me perdia
no bosque santo dêsse ídolo, o Amor,
de asas de neve sempre perfumadas
com o incenso das ofertas mais sagradas,
no bosque iluminado intensamente
pelos raios do céu, nesse bosque onde
nenhum ser, por mais ínfimo, se esconde
a seu olhar de águia, abrasador,
por que, então, a ambição se insinuou,
sem ser vista, entre os sonhos, a crescer,
até lançar-se, a rir, ousadamente,
nas madeixas do Amor, do próprio Amor?

UM SONHO

SONHEI, entre visões da noite escura,
com a alegria morta, mas meu sonho
de vida e luz me despertou, tristonho,
com o coração partido de amargura.

Ah! que não vale um sonho à luz do dia
para aquele que os olhos traz cravados
nas coisas que o rodeiam e os desvia
para tempos passados?

Aquêle santo sonho, sonho santo,
enquanto o mundo repelia o pária,
deu-me o confôrto, como luz de encanto
a conduzir uma alma solitária.

E embora a luz, por entre a tempestade
e a noite, assim tremesse, tão distante,
que poderia haver de mais brilhante
no claro sol da estrêla da Verdade?

HINO A ARISTÓGITON E HARMÓDIO

I

COM GRINALDAS de mirto, embainho a espada
como a dêsses campeões de almas serenas
quando, em peito tirano mergulhada,
restituía a liberdade a Atenas.

II

Heróis! Vossa alma eterna se alcandora
nas ilhas de ventura abençoada
em que descansam os titãs de outrora
e Diomedes e Aquiles têm morada.

III

De mirto verde adornei meu gládio,
Como Harmódio, fidalgo e bom, fazia,
ao derramar, sôbre a ara do Paládio,
o sangue, em libação, da Tirania.

IV

Vós livrastes Atenas de opressões,
vingastes o mal feito à liberdade
e vossa fama irá, de idade a idade,
embalsamada no eco das canções.

ROMANCE

Ó, ROMANCE, que acenas e cantas,
cabeceando, com as suas asas fechadas,
entre as fôlhas que tombam das plantas,
lá na sombra das águas paradas,
papagaio multicolorido,
a minha ave cassa eira tens sido.
Ensinaste-me a ler; com teus têmos
balbuciei a primeira das frases,
quando, criança, já de olhos sagazes,
me afundava nos bosques mais ermos.

Hoje, o eterno Condor das idades
tôda a altura dos céus faz temer
com a tormenta do Tempo, a correr;
e, de tanto fitar tempestades,
um momento não há, de lazer.
E se uma hora, voando mais calma,
vem lançar seu frouxel em minha alma,
ó, meu canto, na lira não vibras,
pois o meu coração tem por crime
que êsse efêmero instante se rime,
sem que tremam também suas fibras.

VÉSPER

ERA em pleno verão.

Andava a noite em meio.

E as estrelas, no seu revolteio,

luziam desbotadas, ao clarão

maior da lua fria,

que, entre a turba dos astros que a servia,

dos céus vinha lançar

seu brilho sôbre o mar.

Olhei por um instante

o seu sorriso enregelante,

para mim frio, tão frio...

e lá passou, qual fúnebre atavio,

uma nuvem, que em flocos se reparte.

Voltei-me então, a olhar-te,

Vésper altiva e nobre,

de esplendor que a distância não encobre,

e mais caro seu brigo me há de ser;

pois o prazer

é o que de mais esplêndido tu trazes

para o meu coração,

nas ondas que, no céu, à noite, fazes,
e é bem maior a minha admiração
por tua chama afastada
que por aquela luz, tão perto, mas gelada.

O LAGO

NO VERDOR de meu anos, meu destino
foi só habitar, de todo o vasto mundo,
uma região que amei mais do que tôdas,
tanto encantava a solidão de um lago
selvagem, que cercavam negras rochas
e altos pinheiros, dominando tudo.

Mas quando a Noite, em treva, amortalhava
êsse recanto e o mundo, e o vento místico
chegava, murmurando melopéias,
então, ah! sempre em mim se despertava
o terror dêsse lago solitário.

Não era, êsse, um terror, porém, de espanto,
mas um delicioso calafrio,
sentimento que as jóias mais preciosas
não inspiram , nem fazem definir;
nem mesmo o amor, nem mesmo o teu amor.

Reinava a Morte na água envenenada
e seu abismo era um sepulcro digno

de quem pudesse ali achar consôlo
para seus pensamentos taciturnos,
de quem a alma pudesse, desolada,
no tôrvo lago ter um Paraíso.

CANÇÃO

Edgar Allan Poe, by Timett

EM TUA FESTA de núpcias eu te vi,
ardendo de rubor.

E havia só venturas junto a ti;
e era, a teus pés, o mundo, todo amor.

E, em seu olhar, a luz incandescente
(ah! qualquer que ela fosse!)
era o que, para o meu olhar dolente,
existia na terra de mais doce.

E era o rubor, o pejo purpurino
da virgem (por que não?) .
Mas uma chama infrene, em desatino,
a seu brilho, ai!, nasceu no coração

de quem, na festa nupcial, te via
ao vir-te êsse rubor.

E só venturas junto a ti havia;
e era, a teus pés, o mundo, todo amor...

MARIE-LOUISE SHEW

DE TODOS para quem tua proposta é o dia;
de todos para quem é tua ausência a noite,
um eclipse total do sol no céu profundo;
de todos os que sempre, a chorar, te bendizem,
pela esperança, a vida e, sobretudo, pela
ressurreição da fé, bem fundo sepultada,
na Humanidade, na Verdade, na Virtude;
de todos que, no leito ímpio do desespero,
esperavam a morte e de pronto se ergueram
à tua voz murmurante e suave – “A luz se faça!” –
sob a voz murmurante e suave, que se espelha
no seráfico ardor de teus olhos esplêndidos;
de todos os que mais te devem e que, gratos,
rendem-te ardente culto, oh! lembra o mais sincero,
recorda-te do mais fervente e devotado
e pensa que êle traça êstes versos tão frágeis
e que, ao traçá-los, treme, ante o só pensamento
de sua alma em comunhão com o espirito de um anjo!

A HELENA

TUA BELEZA, Helena, faz pensar
nesses barcos de Nice que, por mar
perfumado, levavam, docemente,
outrora, o viajor cansado e doente
ao seu nativo lar.

Quanto oceano sulquei, desesperado!
E em teu nobre perfil, na flava coma,
no encanto pela Náíade imitado,
volto à Grécia gloriosa do passado,
ao esplendor de Roma!

Sim! No nicho fulgente da janela,
à luz de ônix, teu vulto se revela,
lâmpada a mão, uma estátua pagã.
Ó, Psique, que me vieste dessa bela
e sagrada Canaã!

“O DIA MAIS FELIZ”

I

O DIA mais feliz, a hora mais doce,
conheceu-os a minha alma desolada.
De orgulho e poderio, a mais ousada
esperança (bem sinto) consumou-se.

II

De poderio? Assim pensei! Mas, ai,
tôda esperança é já desvanecida!
Visões do florescer de minha vida,
pobres visões, mortas visões passai!

III

E tu, orgulho, que tenho ainda contigo?
Teu veneno herde uma outra fronte incalma
onde, sutil, se instile êsse inimigo.
Que possa ao menos descansar minha alma!

IV

O dia mais feliz, a hora mais doce
que meus olhos já viram ou verão,
de orgulho e poderio a aspiração
mais luminosa, tudo (eu sei) finou-se.

V

Mas se a esperança fôsse dada, ainda,
de orgulho e poderio, com a mesma fria
dor que outrora senti, não quereria
nunca mais reviver essa hora linda.

VI

Pois negro era o feitiço de sua asa
espalmada, a esvoaçar, donde caía
potente essência destruidora, em brasa,
por sôbre a alma que bem a conhecia.

SONHOS

FÔSSE-ME a infância um sonho prolongado!

Nem a alma despertasse, até que o brilho
da manhã viesse numa Eternidade!

Mesmo que o longo sonho fôsse triste,
desesperado, bem melhor seria
que o despertar da fria realidade,
para quem, no seu peito, só tem tido
e tem, na terra deliciosa, um caos
de paixões fundas, desde o nascimento.

Mas seria – êsse sonho eternamente
continuado – tal como os outros eram,
na minha infância e, se me fôsse dado,
só um louco aspiraria a céu mais alto.

Tivesse eu mergulhado, à luz do sol,
num céu de estio, em sonhos de luz viva,
e de prazer, voasse o coração
a regiões imaginárias, longe
de meu lar, entre sêres só pensados
por mim – que mais eu quereria ver?

Uma vez. . . uma só – e essa hora estranha

jamais esquecerei – certo feitiço
ou poder me empolgou; o frio vento
fustigou-me, na noite, e deixou na alma
sua impressao. . . e, ou foi a lua cheia
brilhando, das alturas, no meu sono,
tão fria . . ou as estrêlas. . . ou o que fôsse,
tal sonho foi apenas como o vento
dessa noite... deixemo-lo passar.
Tenho sido feliz, embora em sonhos.
Tenho sido feliz, e amo dizê-lo.
Sonhos! Na sua forte côr de vida,
como nesse rumor sombrio, nevoento,
que imita a realidade, trazem, para
o delirante olhar, mais belas coisas
de Paraíso e Amor – e minhas, todas! –
do que já pôde a jovem Esperança
conhecer em suas horas de mais luz.

A ISADORA

I

SOB O ALPENDRE vestido de vinha,
cujas sombras se espraíam à frente
da varanda de tua casinha,
sob as fôlhas do lírio tremente
cujas flôres purpúreas, de leve,
fecham sempre teus dedos de neve,
vi-te, em sonhos, a noite passada,
qual rainha das ninfas, qual fada,
encantando a roupa da flora,
belíssima Isadora!

II

Quando ao sonho pedi que então fôsse
sôbre tua alma, fugindo, voar,
teu olhar violeta voltou-se
para mim, parecendo irradiar
o profundo prazer sem igual
de um sereno, inefável amor;

de tua frente de lírio o palor,
que recorda uma Noite Imperial
no seu trono, de estrêlas ornada,
arrastou-me até tua morada.

III

Ah! nunca eu comtemplado tivesse
os teus olhos de sonho e paixão;
azuis como os céus lassos, dormentes,
de que pende a áurea franja dos poentes!
Tua imagem (é estranho!) hoje cresce
clara, e velhas lembranças, que são
despertadas, em vêm, uma a uma,
como sombras silentes na bruma,
onde o luar calmamente se abriga,
quando o vento noturno as fustiga.

IV

Como música em sonhos ouvida,
de harpa ignota uma corda tangida,

como a voz fugitiva das aves
que não voltam, a voz dos ribeiros,
murmurando entre verdes outeiros,
ouço os sons de tua voz, tão suaves.
e um Silêncio encantado caminha,
como o que nos meus lábios se aninha
quando em sonhos, vou trêmulo expor,
só a ti, todo o meu grande amor.

V

Escutada nos vales distantes,
flutuando desta árvore àquela,
a cantiga das aves radiantes
para mim não parece tão bela
quando as coisas mais simples que falas,
sem que um eco as divulgue, a imitá-las,
Ah! de ouvir-te a paixão me consome
pois, se suave tua voz o enuncia,
até mesmo êste meu rude nome
é doce melodia.

HINO TRIUNFAL

I

COMO A PRECE funéria será lida,
para que o canto mais solene se ouça,
num réquiem pela morta, a mais querida
das mortas, a mais moça?

II

Seus amigos a vêem, cheios de espanto,
no caixão que a comporta,
e choram, desonrando, com seu pranto,
a beleza da virgem que está morta.

III

Êles a amavam só pela riqueza,
odiando o orgulho seu;
e, quando foi de enfermidades prêsa,
amaram-na, e por isso ela morreu.

IV

Dizem-me (enquanto falam sôbre “o manto
ricamente bordado que a amortalha”)
que minha voz é cada vez mais falha
e débil para o canto;

V

que essa voz deveria tão solene
erguer-se, e lastimosa,
que, ao tom da litania dolorosa,
a morta já não pene.

VI

Ela voou para o célico esplendor
tendo ao lado a esperança.
E eu choro, desvairado pelo amor,
a morta esposa criança.

VII

A morta que ali jaz e, com desvêlo,
vieram perfumar...
Porém, se a morte dorme em seu olhar,
há vida em seu cabelo.

VIII

Bato, pois, alto, em golpe demorado,
nas tábuas do caixão.
Seja o meu canto doloroso, então,
por êsse rouco som acompanhado.

IX

Morreste! E era só junho para tua alma!
Ah! não devias perecer tão linda!
Tu não podias perecer ainda,
morrendo assim tão calma!

X

Dos amigos da terra és separada,

e da vida, e do amor,
para alçares-te à gloria imaculada,
ao celeste esplendor.

XI

Por isso, minha voz, hoje, sombrias
preces não erguerá,
mas em teu vôo te acompanhará
ao som de Hino Triunfal de antigos dias.

SÓ

NÃO FUI, na infância, como os outros

Edgar Allan Poe

e nunca vi como outros viam.

Minhas paixões eu não podia

tirar de fonte igual à deles;

e era outra a origem da tristeza,

e era outro o canto, que acordava

o coração para a alegria.

Tudo o que amei, amei sózinho.

Assim, na minha infância, na alba

da tormentosa vida, ergueu-se,

no bem, no mal, de cada abismo,

a encadear-me, o meu mistério.

Veio dos rios, veio da fonte,

da rubra escarpa da montanha,

do sol, que todo me envolvia

em outonais clarões dourados;

e dos relâmpagos vermelhos

que o céu inteiro incendiavam;

e do trovão, da tempestade,

daquela nuvem que se alterava,
só, no amplo azul do céu puríssimo,
como um demônio, ante meus olhos.

LENORA

AH! foi partida a taça de ouro! o espírito fugiu!
Que dobre o sino! Uma alma santa já cruza o Estígio rio!
E tu não choras, Guy de Vere? Venha teu pranto agora,
ou nunca mais! No rude esquife jaz teu amor, Lenora!
Leiam-se os ritos funerários e o último canto se ouça,
um hino à rainha dentre as mortas, a que morreu mais môça.
E duplamente ela morreu, por que morreu tão môça!

"Pela riqueza a amastes, míseros, o seu orgulho odiando,
e, doente, a bendissestes, quando a morte ia chegando.
E como, então, lereis o rito? Os cantos de repouso
entoareis vós, olhar do mal? Vós, o verbo aleivoso,
que o fim trouxestes à existência tão jovem da inocência?"

Peccavimus; mas não se irrites! O réquiem tão solene
e embalador ascenda aos céus, que a morta já não pene!
Para aguardar-te ela se foi, tendo ao lado a Esperança
e tu ficaste, louco e só, chorando a noiva criança,
meiga e formosa, que ali jaz, magnífica, sem par,
com a vida em seus cabelos de ouro, mas não em seu olhar,
com a vida em seus cabelos, sim, e a morte em seu olhar.

"Ide! Meu coração não pesa! Sem canto funeral,
quero seguir o anjo em seu vôo com um velho hino triunfal.
Não dobre mais o sino! que a alma em seu prazer sagrado
não o ouça, triste, ao ir deixando o mundo amaldiçoado.
Ela se arranca aos vis demônios da terra e sobe aos céus.
Do inferno, à altura se conduz e lá, na luz dos céus,
livre do mal, da dor, se assenta num trono, aos pés de Deus!"

HINO*

SANTA MARIA! Volve o teu olhar tão belo, o9ig
de lá dos altos céus, do teu trono sagrado,
para a prece fervente e para o amor singelo
que te oferta, da terra, o filho do pecado.
Se é manhã, meio-dia, ou sombrio poente,
meu hino em teu louvor tens ouvido, Maria!
Sê, pois, comigo, ó Mãe de Deus, eternamente,
quer no bem ou no mal, na dor ou na alegria!
No tempo que passou veloz, brilhante, quando
nunca nuvem qualquer meu céu escureceu,
temeste que me fôsse a inconstância empolgando
e guiaste minha alma a ti, para o que é teu.
Hoje, que o temporal do Destino ao Passado
e sôbre o meu Presente espêssas sombras lança,
fulgure ao menos meu Futuro, iluminado
por ti, pelo que é teu, na mais doce esperança.

PARA HELENA*

VI-TE uma vez, só uma, há vários anos,
já não sei dizer quantos, mas não muitos.

Era em junho; passava a meia-noite
e a lua, em ascensão, como tua alma,
nos céus abria um rápido caminho.
O luar caía, um véu de sêda e prata,
calma, tépida, embaladoramente,
em cheio, sôbre as faces de mil rosas,
que florescia num jardim de fadas,
onde até o vento andava de mansinho.

Caía o luar nas faces dessas rosas,
que morriam, sorrindo, no jardim
pela tua presença enfeitiçado.

Toda de branco, vi-te reclinada
sôbre violetas; e o luar caía
sôbre a face das rosas, sôbre a tua,
voltada para os céus, ai! de tristeza!

Não foi o Destino, nessa meia-noite,
não foi o Destino (que é também Tristeza)

que me levou a êsse jardim, detendo-me
com o incenso das rosas que dormiam?
Nenhum rumor. O mundo silenciara.
Só tu e eu (Meu Deus! como palpita
o coração, juntando estas palavras!) ...
Só tu e eu... Parei... Olhei... E logo
tôdas as coisas se desvaneceram.
(Lembra-te: era um jardim enfeitado.)

Fugiu a luz de pérola da lua.
Os canteiros, os meandros sinuosos,
flôres felizes, árvores aflitas,
tudo se foi; o próprio odor das rosas
morreu nos braços do ar que as adorava.

Tudo expirara... Tu ficaste... Menos
que tu: a luz divina nos teus olhos,
a alma nos olhos para os céus voltados.
Só isso eu vi durante horas inteiras,
até que a lua fôsse declinando.
Ah! que histórias de amor se não gravavam
nas celestes esferas cristalinas!

que mágoas! que sublimes esperanças!
que mar de orgulho, calmo e silencioso!
e que insondável aptidão de amar!

Mas, afinal, Diana se sepulta
num túmulo de nuvens tormentosas.
Tu, como um elfo, entre árvores funéreas,
deslizas. Só teus olhos permanecem.
Não quiseram fugir. E não fugiram.
Iluminando a estrada solitária
de meu regresso, não me abandonaram
como o fizeram minhas esperanças.

E ainda hoje me seguem, dia a dia.
São meus servos – mas eu sou seu escravo.
Seu dever é luzir em meu caminho;
meu dever é salvar-me pro seu brilho,
purificar-me em sua flama elétrica,
santificar-me no seu fogo elísio.
Dão-me à alma Beleza (que é Esperança).
Astros do céu, ante êles me prosterno
nas noites de vigília silenciosa;

e ainda os fito em pleno meio-dia,
duas Estrelas-d`Alva, cintilantes,
que sol algum jamais extinguirá.

O COLISEU

PADRÃO da antiga Roma! Ó rico relicário
de altas meditações, abandonado ao Tempo
por séculos de fausto e poderio, sepultos!

Afinal... afinal, depois de tantos dias
de peregrinação cansada e ardente sêde
das fontes imortais de Ciência que em ti jazem,
eu, homem transformado e humilde, me ajoelho
nas sombras, para que a alma, avidamente, sorva
a grandeza, a tristeza e a glória que são tuas.

Que amplidão! Vetustez! E lembranças de outrora!

E que silêncio! Que êrmo! E que noite profunda!

Eu agora vos sinto, em toda a vossa fôrça,
ó sortilégios, como o monarca israelita
nunca ensinou iguais no Hôrto das Oliveiras,
ó encantos, como nunca os êxtases caldaicos
puderam arrancar das estrêlas tranqüilas!

Lá, onde um herói caiu, uma coluna tomba!
Lá, onde a águia do Império em ouro flamejava,

o morcego vigia, à fusca meia-noite.

O vento, que agitava outrora a loura coma
das romanas, só ondula os cardos e os caniços.
E onde se recostava o rei, num áureo trono,
desliza, fantasmal, para seu lar marmóreo,
sob o turvo clarão de pálido crescente,
o silente e veloz lagarto das ruínas!

Mas êsses muros, vede! Arcadas que a hera veste,
plintos feitos de pó, fustes enegrecidos,
derruídos capitéis, frisos desmantelados,
cornijas que se vão desfazendo... essa ruína
e as pedras côm de cinza, essas pedras, é tudo
o que de colossal e de glorioso o Tempo
corrosivo deixou para mim e o Destino?

"Não é tudo, isso! – diz-me o Eco. – Não é tudo!
Sempre é sempre, uma voz profética e alta se ergue
de nós, ou de qualquer ruína, para os sábios,
como sobem ao sol os cantos de Memnon.
Escuta-a o coração dos homens poderosos;
despótica, domina as almas gigantescas!
Não somos sem poder, nós, as pálidas pedras!

Nem tôda a nossa fôrça está perdida,
nem a magia do renome antigo,
nem tôda a maravilha que nos cerca,
nem todos os mistérios que em nós jazem,
nem tôdas as lembranças que se prendem
a nossos flancos, como um vestuário
mais fulgurante do que a própria glória!

A MARIE-LOUISE SHEW

AQUÊLE que estas linhas traça, outrora,
no louco orgulho do intelectualismo,
defendia o "poder do verbo", crendo
jamais haver na mente um pensamento
que fôsse intraduzível em palavras.
Mas, agora, a zombar dessa jactância,
dois dissílabos suaves, estrangeiros,
sons da Itália, só de anjos murmurados
quando sonham ao luar, que faz do orvalho
"sôbre o outeiro do Hermon um rio de pérolas",
tiraram, dos abismos dêste peito,
almas de pensamentos não pensados,
visões tão belas, singulares, célicas,
que nem mesmo Israfel, cantor seráfico
("a mais doce das vozes já criadas")
poderia narrar. Quebrou-se o encanto!
Cai a pena, impotente, da mão trêmula.
Com teu nome por tema, embora o ordenes,
eu não posso escrever... Nem penso ou falo...
Ai! nem sinto... Pois não é sentimento
ficar assim, imóvel, à dourada

e enorme porta aberta sôbre os sonhos,
contemplando, extasiado, o panorama,
trêmulo, por só ver, de cada lado
e pela longa estrada, entre impurpúreas
névoas, e na distância, onde termina
a perspectiva – a ti unicamente.

ULALUME

ERA O CÉU de um cinzento funerário
e a folhagem, fanada, morria;
a folhagem, crispada, morria;
era noite, no outubro solitário
de ano que já me não lembraria;
ficava ali bem perto o lago de Auber,
na região enevoadada de Weir;
bem perto, o pantanal úmido de Auber,
na floresta assombrada de Weir.

Lá, uma vez, por um renque titânico
de ciprestes, vagueei, em desconsôlo,
com minha alma, Psique em desconsôlo.

Era então o meu peito vulcânico
qual torrente de lava que no solo
salta, vinda dos cumes de Yaanek,
nas mais longínquas regiões do pólo,
que ululando se atira do Yaanek
nos panoramas árticos do pólo.

Tristonha e gravemente conversamos,

mas a idéia era lassa e vazia
e a memória traidora e vazia;
que o mês era de outubro não lembramos,
nem soubemos que noite fugia.
(Ai! A noite das noites fugia!)
Não recordamos a lagoa de Auber
(e já fôramos lá, certo dia);
não pensamos no charco úmido de Auber,
nem no bosque assombrado de Weir.

Quando a noite ia já desmaiada
e as estrêlas chamavam pela aurora,
pálidos astros apontando a aurora,
eis que surge, no extremo da estrada,
uma luz fluida, nebulosa; e fora
dela se ergue um crescente recurvo,
coroa adamantina, e se alcandora;
surge, claro, o crescente recurvo,
diadema de Astarté, que se alcandora.
“Menos fria que Diana é essa estrêla”,
digo, a girar num éter feito de ais,
sorridente, num éter feito de ais.

Viu o pranto, que a mágoa revela,
nas faces em que há vermes imortais
e, por onde o Leão se constela,
vem mostrar o caminho aos céus, letais
caminhos para a paz dos céus letais;
a despeito do Leão, vem-nos ela
iluminar, com os olhos triunfais.
Das cavernas do Leão, vem-nos ela,
cheia de amor nos olhos triunfais.”

Mas diz Psique, tremendo de aflição:
“Dessa estrela, por Deus, desconfia!
Dêsse estranho palor desconfia!
É preciso fugir de luz tão fria!
Apressemos-nos! Voemos, então!”
E, perdidas de tanta agonia,
suas asas se inclinavam para o chão;
soluçava e, de tanta agonia,
as plumas rastejavam pelo chão,
tristemente roçando pelo chão.

“Isso – falei – é um sonho de criança!

Oh! sigamos a luz que facina,

mergulhemos na luz cristalina!

É um clarão de beleza e de esperança

o que vem dessa luz sibilina.

Olha-a: entre as sombras, como gira e dança!

Guie-nos, pois, essa estrêla, que ilumina

nossa estrada, com tôda a confiança;

que nos guie para onde se destina.

Nessa estrela tenhamos confiança,

pois nas sombras, assim, volteia e dança!”

Dou um beijo a Psique, que a conforta,

impedindo que o mêdo se avolume,

que a dúvida, a tristeza se avolume,

e da estrêla seguimos o lume

até que nos deteve uma porta

de tumba, e uma legenda nessa porta.

“Doce irmã – perguntei –, dessa porta

que tragédia a legenda resume?”

“Ulalume!” – responde-me. – Ulalume!”

“Essa é a tumba perdida de Ulalume!”

E me vi de tristezas referto,
como a folhagem sêca que morria,
a folhagem fanada que morria!
E exclamei: “Era outubro, decerto,
e era esta mesma, há um ano, a noite fria
em que vim, a chorar, aqui perto,
fardo horrível trazendo, aqui perto!
Nesta noite das noites, sombria,
que demônio me arrasta aqui tão perto?
Bem reconheço agora o lago de Auber
na região enevoadada de Weir;
bem vejo o pantanal úmido de Auber,
na floresta assombrada de Weir!”

OS SINOS

I

Escuta: nos trenós tilintam sinos
argentinos

Ah! que mundo de alegria o som cantante prenuncia!

Como tinem, lindo, lindo,
no ar da noite fria e bela!

Vão tinindo e o céu inteiro se constela,
florescente, refulgindo
com deleites cristalinos!

Dão ao Tempo uma cadência tão constante
como um rúnico descante,
com os tintinabulares, pequeninos sons, bem finos
que nascendo vão dos sinos
sim, dos sinos, sim, dos sinos.

II

Escuta: em núpcias vão cantando os sinos,
áureos sinos!

Quantos mundos de ventura seu tanger nos prefigura!

No ar da noite, embalsamado,
como entoam seu enlêvo abençoado!

Tons dourados, lentas notas,
concordantes...

E tão límpido poema aí flutua
para as rôlas, que o escutam, divagantes,
vendo a lua!

Volumoso, vem das celas retumbantes
todo um jôrrro de eufonia que se amplia!

Que se amplia!

Que se amplia!

“O futuro é belo e bom!” – clama o som,
que arrebatava, como em êxtases divinos,
no balanço repicante que lá soa,
que tão bem, tão bem ecoa,
na vibrante voz dos sinos, sinos, sinos
carrilhões e sinos, sinos,
no rimado, consonante som dos sinos!

III

Escuta: em longo alarma bradam sinos,

brônzeos sinos!

Ah! que história de agonia, turbulenta, se anuncia!

Treme a noite, com pavor,
quando os ouve em seu bramido assustador!

Tanto é o mêdo que, incapazes de falar
se limitam a gritar,
em tons frouxos, desiguais,
clamorosos, apelando por clemência ao surdo fogo,
contendendo loucamente com o frenesi do fogo,

que se lança bem mais alto,
que em desejo audaz estua
de, no empenho resoluto de algum salto
(sim! agora ou nunca mais!),
alcançar a fronte pálida da lua!

Oh! os sinos, sinos, sinos!
De que lenda pavorosa, de alarmar,
falam tanto?

Clangorantes, ululantes, graves, finos,
quanto espanto vertem, quanto,
no fremente seio do ar!

E por eles bem a gente sabe – ouvindo
seu tinido,

seu bramido –
se o perigo é vindo ou findo.
Bem distintamente o ouvido reconhece
pela luta,
na disputa,
se o perigo morre ou cresce,
pela ampliante ou decrescente voz colérica dos sinos,
badalante voz dos sinos
sim, dos sinos, sim, dos sinos,
carrilhões e sinos, sinos,
no clamor e no clangor que vêm dos sinos!

IV

Escuta: dobram, lentamente, os sinos,
fêrreos sinos!
Ah! que mundo de pensares tão solenes põem nos ares!
Na silente noite fria,
quando a alma se arrepia
à ameaça dêsse canto melancólico de espanto!
Pois em cada som saído
da garganta enferrujada

há um gemido!
E os sineiros (ah! essa gente
que, habitando o campanário
solitário,
vai dobrando, badalando a redobrada
voz monótona e envolvente...),
quão ufanos ficam êles, quando vão
tombar pedras sôbre o humano coração!
Nem mulher nem homem são,
nem são feras: nada mais
do que sêres fantasmais.
E é seu Rei quem assim tange,
é quem tange, e dobra, e tange.
E reboa
triunfal, do sino, a loa!
E seu peito de ventura se intumesce
com os hinos funerários lá dos sinos;
dança, ulula, e bem parece
ter o Tempo num compasso tão constante
qual de rúnico descante
pelos hinos lá dos sinos,
ah! dos sinos!

Leva o Tempo num compasso tão constante
como em rúnico descante,
pela pulsação dos sinos,
a plangente voz dos sinos,
pelo soluçar dos sinos!

Leva o Tempo num compasso, tão constante
que a dobrar se sente, ovante
bem feliz com êsse rúnico descante
com o reboar que vem dos sinos,
a gemente voz dos sinos
o clamor que sai dos sinos,
a alucinação dos sinos,
o angustioso,
lamentoso, longo e lento som dos sinos!

UM ENIGMA*

“SEMPRE é raro achar – diz Dom Salomão Zebral –
parte de idéia, até no verso mais profundo.
Através do que é leve e fácil ver-lhe (qual
olhando por chapéu de Nápoles) o fundo.
Tal chapéu será o nada? E há damas para usá-lo!
E ainda pesa que um teu poema, ó Petrarca
tolo, penugem vã de mocho, que a um abalo
torvelinha, a esvoaçar, enquanto o olhar o abarca!”

Ninharia Assim é – por certo Salomão
fêz bem o julgamento – é bolha de sabão
efêmera, em geral, fugaz e transparente.
Aqui, porém, Lewis, querida, podes crê-lo,
opacos, imortais, são os meus versos, pelo
nome lindo que esconde o poema – e está presente.

ANNABEL LEE

HÁ MUITOS, muitos anos, existia
num reino à beira-mar, em que vivi,
uma donzela, de alta fidalguia,
chamada ANNABEL LEE.

Amava-me, e o seu sonho consistia
em ter-me sempre para si.

Eu era criança, ela era uma criança
no reino à beira-mar, em que vivi.
Mas tanto o nosso amor ultrapassava
o próprio amor, que até senti
os serafins celestes invejarem
a mim e a ANNABEL LEE.

Por isso mesmo, há muitos, muitos anos,
no reino à beira-mar, em que vivi,
gélido, de uma nuvem, veio um vento
matar ANNABEL LEE.

E seus nobres parentes se apressaram
em tirá-la de mim: encerrarem-na vi
num sepulcro bem junto ao mar, que chora

eternamente ali.

Foi inveja dos anjos: mais felizes
éramos nós aqui.

Sim, foi por isso (como todos sabem
no reino à beira-mar, em que a perdi)
que veio um vento, à noite, de uma nuvem
matar ANNABEL LEE.

Mas nosso amor, imenso, era mais forte
do que o tempo e que a morte,
do que a própria esperança em que o envolvi.
E nem anjos celestes nas alturas,
nem demónios dos mares abissais
jamais minha alma afastarão, jamais,
da bela ANNABEL LEE.

Pois, quando surge a lua, em meus sonhos flutua,
no luar, ANNABEL LEE.

E, quando se ergue a estrêla, o seu fulgor revela
o olhar de ANNABEL LEE.

E junto a ela eu passo, assim, a noite inteira,

junto àquela que adoro, a espôsa, a companheira,
na tumba, à beira-mar, do reino em que vivi,
junto ao mar que por ti
soluça eternamente, ANNABEL LEE.

A MINHA MÃE

PORQUE os anjos (bem sei) na celestial altura,
quando falam de amor entre si, meigamente,
não podem encontrar uma expressão mais pura
que a de mãe, nem mais linda, ungida e comovente,
eu, de há muito, te dou êsse nome perfeito,
pois tu és, para mim, mais do que mãe, por certo,
desde que a morte veio instalar-te em meu peito,
ao tornar, de Virgínia, o espírito liberto.

A minha própria mãe, morta no albor da vida,
foi minha mãe, tão-só; mas tu és mãe daquela
que tanto amei; por isso, és muito mais querida,
infinitamente és mais querida do que ela,
assim como minha alma achava mais preciosa
que a própria salvação – minha adorada espôsa.

O PALÁCIO ASSOMBRADO

NO VALE mais verdejante
que anjos bons têm por morada,
outrora, nobre e radiante
palácio erguia a fachada.
Lá, o rei era o Pensamento,
e jamais um serafim
as asas soltou ao vento
sôbre solar belo assim.

Bandeiras de ouro, amarelas,
no seu teto, flamejantes,
ondulavam (foi naquelas
eras distantes!)
e alado odor se evolava,
quando a brisa em horas cálidas,
por sôbre as muralhas pálidas
suavemente perpassava.

Pelas janelas de luz,
o viajor dançar via
espíritos que a harmonia

de alaúde tinham por lei.
E, sôbre o trono, fulgia
(Porfirogênito!) o Rei,
com a glória, com a fidalguia,
de quem tal reino conduz.

Pela porta, cintilante
de pérolas e rubis,
ia fluindo, a cada instante,
multidão de ecos sutis,
vozes de imortal beleza
cujo dever singular
era sòmente cantar
do Rei a imensa grandeza.

Mas torvos, lutuosos vultos
assaltam o solar!
(Choremos! Pois nunca o dia
sôbre o êrmo se há de elevar!)
E, em tórno ao palácio, a glória
que fulgente florescia
é apenas obscura história

de velhos tempos sepultos!

Pelas janelas, agora
em brasa, avista o viajante
estranhas formas, que agita
uma música ululante;
e, qual rio, se precipita
pela pálida muralha
uma turba, que apavora,
que não sorri, mas gargalha
em gargalhada infinita.

O VERME VENCEDOR

VÊDE! é noite de gala, hoje, nestes
anos últimos e desolados!

Turbas de anjos alados, em vestes
de gaze, olhos em pranto banhados,
vêm sentar-se no teatro, onde há um drama
singular, de esperança e agonia;
e, ritmada, uma orquestra derrama
das esferas a doce harmonia.

Bem à imagem do Altíssimo feitos,
os atôres, em voz baixa e amena,
murmurando, esvoaçam na cena;
são de títeres, só, seus trejeitos,
sob o império de sêres informes,
dos quais cada um a cena retrança
a seu gôsto, com as asas enormes
esparzindo invisível Desgraça!

Certo, o drama confuso já não
poderá ser um dia olvidado,
com o espectro a fugir, sempre em vão

pela turba furiosa acossado,
numa ronda sem fim, que regressa,
incessante, ao lugar da partida;
e há Loucura, e há Pecado, e é tecida
de terror tôda a intriga da peça!

Mas, olhai! No tropel dos atôres
uma forma se arasta e insinua!
Vem, sangrenta, a enroscar-se, da nua
e êrma cenam junto aos bastidores...
A enroscar-se... Um a um, cai, exangue,
cada ator, que êsse monstro devora.
E soluçam os anjos – que é sangue,
sangue humano, o que as fauces lhe cora!

E se apagam as luzes! Violenta,
a cortina, funérea mortalha,
sôbre os trêmulos corpos se espalha,
ao tombar, com rugir de tormenta.
Mas os anjos, que espantos consomem,
já sem véus, a chorar, vêm depor
que êsse drama, tão tétrico, é "O Homem"

e o herói da tragédia de horror
é o Verme Vencedor.

A F --- S S. O -- D

DESEJAS ser amada? Leva então
pelo mesmo caminho o coração.

Sê tudo o que és e nada
sejas do que não és!

Assim, terás o mundo aos pés
e, com a graça, a beleza inigualada,
serás sem fim louvada em tôda parte
nada mais sendo que um dever – o amar-te.

SILÊNCIO

HÁ QUALIDADES incorpóreas, de existência
dupla, nas quais segunda vida se produz,
como a entidade dual da matéria e da luz,
se que o sólido e a sombra espelham a evidência.

Há pois, duplo silêncio; o do mar e o da praia,
do corpo e da alma; um, mora em deserta região
que erva recente cubra e onde, solene, o atraia
lastimoso saber; onde a recordação

o dispa de terror; seu nome é "nunca mais";
e o silêncio corpóreo. A êsse, não temais!
Nenhum poder do mal êle tem. Mas, se uma hora

um destino precoce (oh! destinos fatais!)
vos levar às regiões soturnas, que apavora
sua sombra, elfo sem nome, ali onde humana palma

jamais pisou, a Deus recomendai vossa alma!

EULÁLIA

SOLITÁRIO eu vivia
num mundo de agonia
e minha alma era qual água estagnada,
até que fiz da suave e linda Eulália
a minha enrubescida desposada,
até que fiz da jovem, loura Eulália,
a minha sorridente desposada.

Não possuirão jamais
os astros imortais
dêsses olhos de criança o resplendor.
E nenhum floco de vapor
que o luar possa compor
irisando-o de pérola e de rosa
será igual à mais simples das madeixas
de Eulália, tão modesta e tão formosa,
será igual à mais pobre das madeixas
que lhes cercam a fronte luminosa.

A Dúvida, a Aflição

nunca mais voltarão,
pois sua alma os meus suspiros retribuir;
e enquanto o dia flui
e Astarté, refulgente,
fulgura fortemente,
minha adotada Eulália, a contemplá-la,
ao céu envia seu olhar de espôsa,
minha jovem Eulália, a contemplá-la,
o olhar violeta no alto céu repousa.

ISRAFEL

"E o anjo Israfel, em quem as fibras do coração formam um alaúde e que tem a mais doce voz de todas as criaturas de Deus."

(Alcorão)

HÁ NO CÉU um espírito "em que as fibras do coração formam um alaúde".

Canção nenhuma tem a mágica virtude do teu canto, Israfel! Quando a voz vibras, os astros que andam no firmamento (contam as lendas) em desatinos, cessam seus hinos, emudecidos de encantamento.

Vacilante, flutua
no seu zênite a lua;
mas, se te ouve a canção,
enamorada, enrubescida de paixão,
a luz purpúrea no céu detém,
e as sete Plêiades, ante essa voz,
cessam também

a carreira veloz.

Diz o côro estrelado, a multidão
de astros, que o ouvir-te encanta,
que deves, Israfel, a inspiração
ao alaúde de teu coração;
êle é que canta
quando, trêmulas, vibras
as suas vivas, singulares fibras.

Mas os céus, Israfel, percorreste
onde cumpre um dever quem fundamente pensa
e onde o Amor é um deus sem par;
onde o olhar das huris se reveste
dessa beleza imensa
que só na estrela vamos adorar.

Tu não erras, portanto,
Israfel, se te esquivas
a um desapaixonado canto!
Sejam-te dados todos os louvores!
És o melhor, és o mais sábio dos cantores!

Feliz eternamente vivas!

Os êxtases do céu perfeitamente
se harmonizam com teu ritmo ardente;
teu pesar, e ventura, e ódio, e amor
de tua lira se casam ao fervor.
Bem deve cada estrêla estar silente!

Sim, teu é o Cé;, mas esta Terra
é um mundo de doçuras e de dores;
nossas flôres nada mais são que – flôres,
e o que de sombra encerra
tua perfeita ventura
é, para nós, a luz do sol mais pura.

Se eu, porém, Israfel, morasse onde viveste,
se vivesses onde eu
vivo, magicamente assim não poderias
cantar terrestres melodias;
e um hino mais audaz, talvez, do que êste,
minha lira faria arrojarse no céu.

PARA ANNIE

GRAÇAS A DEUS! A crise,

o perigo passou!

O mal languidescente

afinal se acabou.

E essa febre chamada

vida se conquistou!

Tristemente me sinto

das fôrças despojado

e músculo algum posso

mover, assim deitado.

Mas que importa? Prefiro

ficar assim deitado.

E em meu leito descanso,

com tamanho confôrto

que, ao ver-me, poderiam

imaginar-me morto;

talvez estremecessem,

como quem olha um morto.

Gemidos e lamentos,

suspiros e aflição
agora se acalmaram,
com a palpitação
cruel no meu peito. Horrível
essa palpitação!
O mal-estar, a náusea,
a impiedosa agonia,
tudo se foi, com a febre
que a mente enlouquecia:
febre chamada vida,
que em meu cérebro ardia.

De todos os tormentos,
o que mais amargura
cessou: o ardor terrível
da sede que tortura,
sede do rio naftálico
da Paixão vil e impura.
Oh! eu bebi de uma água
que tôda a sede cura!

Água que flui com um canto

que o ar de doçura inunda,
de uma fonte bem pouco
escondida e profunda,
deurna que no solo
quase não se aprofunda.

E, ah! nunca loucamente
se diga e seja aceito
que é sombrio o meu quarto
e apertado o meu leito,
pois nunca o homem descansa
em diferente leito.

Para dormir, deitai-vos
em semelhante leito.

Nêle, a alma supliciada
dorme, sem dolorosas
recordações, não tendo
mais saudades das rosas,
das velhas inquietudes
de seus mirtos e rosas.

E, aqui jazendo, o espírito,
tão calmo e satisfeito,
crê que o cerca um mais santo
odor de amor-perfeito,
odor de rosmaninho,
misto de amor-perfeito,
de malva, do belíssimo
e puro amor-perfeito.

E assim feliz repousa,
mergulhado em perene
sonho da lealdade
e da beleza de Annie,
mergulhado nas ondas
das longas tranças de Annie.

Ela beijou-me e, terna,
acariciar-me veio.
E eu caí, docemente,
a dormir no seu seio.
Dormi profundamente
sôbre o céu de seu seio.

Cobriu-me, ao apagar-se
a luz no castiçal,
e orou para que os anjos
me livrassem do mal
e a Rainha dos anjos
me afastasse do mal.

E durmo em tal confôrto,
Agora, no meu leito
(dêsse amor satisfeito)
que me acreditais morto.
E é tal o meu confôrto
a repousar no leito
(seu amor no meu peito)
que me imaginais morto
e tremei, com trejeito
de quem contempla um morto.

Mas o meu coração
fulge mais que a perene
luz dos astros celestes,

pois fulgura por Annie
e se abrasa na chama
do amor de minha Annie,
só pensando na chama
do olhar de minha Annie.

BALADA NUPCIAL

A ALIANÇA coloco na mão,
de grinaldas a fronte ornamento;
tenho jóias, cetins, em montão.
Ah! sou feliz neste momento.

Dá-me amor, afeição verdadeira,
meu senhor; mas fiquei sem alento
ao ouvir-lhe a promessa primeira,
pois sua voz tinha um som de lamento,
semelhante ao da voz derradeira
de alguém, morto ao lutar na trincheira,
que é bem feliz neste momento.

Porém êle acalmou-me, com um lento
beijo, que na fronte alva senti.
E, num sonho, nas asas do vento,
para o campo dos mortos parti.
Suspirei, a pensar que elê, ali,
fôsse o meu morto amor, D'Elormie:
“Oh! sou feliz neste momento!”

E a palavra assim foi proferida
e trocamos assim juramento.
Ah! que importa se fui fementida,
se traí, se tenho a alma ferida?
Este anel provará, a quem duvida,
que sou feliz neste momento.

Tivesse eu, ó meu Deus, despertado!
Porque sonho, e a sonhar me atormento,
sem que o espírito saiba, agitado,
se houve um êrro e se, por ter errado,
êsse morto, êsse morto olvidado
será feliz neste momento.